



# I

## A Lenda Literária de Hipátia

### *A Tradição Moderna*

Muito antes de terem lugar as primeiras tentativas académicas visando a reconstrução de uma imagem fundamentada de Hipátia, a sua vida — marcada pelas circunstâncias dramáticas da sua morte — foi imbuída pela lenda. Artisticamente embelezada, distorcida pelas emoções e preconceitos ideológicos, a lenda gozou de grande popularidade durante séculos, obstruindo os esforços eruditos de uma apresentação imparcial da vida de Hipátia, e essa lenda ainda hoje persiste. Se perguntarmos quem foi Hipátia, ouviremos provavelmente o seguinte: «Foi uma bela e jovem filósofa pagã que foi esquartejada pelos monges (ou, mais geralmente, pelos cristãos) em Alexandria, em 415.» Esta resposta costumada não se baseará em fontes antigas, mas numa grande massa de documentos literários e históricos, dos quais este capítulo estudará uma amostra representativa. A maior parte dos textos a que nos referimos apresentam Hipátia como uma vítima inocente do cristianismo nascente, e o seu assassinato como um facto que assinala a proscricção do livre exame e simultaneamente dos deuses gregos.

É no século XVIII que Hipátia aparece pela primeira vez na literatura europeia. Na época de cepticismo que historicamente conhecemos pelo nome de Luzes, vários autores fizeram dela um instrumento da sua polémica religiosa e filosófica.



Em 1720, John Toland, que fora um protestante zeloso na sua juventude, publicou um longo ensaio histórico intitulado *Hypatia or, The History of a Most Beautiful, Most Virtuous, Most Learned and in Every Way Accomplished Lady; Who Was Torn to Pieces by the Clergy of Alexandria, to Gratify The Pride, Emulation, and Cruelty of the Archbishop, Commonly but Undeservedly Titled St. Cyril* [Hipátia, ou a História de uma Senhora de Máxima Beleza, Máxima Virtude, Máxima Sabedoria, e em Tudo Perfeita Senhora; A Qual Foi Esquartejada pelo Clero de Alexandria, para Satisfazer o Orgulho, a Inveja, e a Crueldade do Arcebispo, por Costume mas Imerecidamente Dito São Cirilo]. Embora baseasse a sua descrição de Hipátia em fontes como *Suda*, uma enciclopédia do século x, Toland começa por afirmar que a parte masculina da humanidade se desonrou para sempre com o assassinato da «encarnação da beleza e da sabedoria»; os homens deveriam «envergonhar-se para sempre, por haver entre eles seres tão brutais e selvagens que, em vez de se inebriarem com a admiração de tanta beleza, inocência e sabedoria, mancharam as suas mãos, da maneira mais bárbara, com o sangue de Hipátia, e as suas almas ímpias com o estigma indelével de um massacre sacrílego». Ao narrar a história da vida e da morte de Hipátia, Toland centra-se no clero de Alexandria, tendo à sua cabeça o patriarca Cirilo. «Um bispo, um patriarca, mais ainda, um santo é o instigador de uma acção tão medonha, e o seu clero o executor de uma fúria tão implacável.»<sup>1</sup>

O ensaio causou agitação nos círculos eclesiásticos e Thomas Lewin rapidamente escreveria um panfleto que lhe respondia, *The History of Hypatia, a Most Impudent School-Mistress of Alexandria. In Defense of Saint Cyril and the Alexandrian Clergy from the Aspersions of Mr. Toland*<sup>2</sup>. Mas maioritariamente o escrito de Toland beneficiou de uma recepção favorável. Voltaire explorou a figura de Hipátia para dar voz à sua repugnância pela igreja e pela religião revelada. Voltaire escreve sobre São Cirilo e o clero de Alexandria, num estilo não muito diferente do adoptado por Toland, em *Examen important de Milord Bolingbroke ou le tombeau du fanatisme* (1736). A morte de Hipátia foi «um assassinio bestial perpetrado pelos sabujos tonsurados de Cirilo, seguidos por um bando de fanáticos»<sup>3</sup>. Hipátia foi assassinada, afirma Voltaire, por-

que acreditava nos deuses helénicos, nas leis da Natureza racional e nas capacidades que permitiriam ao espírito humano libertar-se de dogmas impostos. Por conseguinte, o fanatismo religioso levava ao martírio dos génios e à redução do espírito à servidão.

Voltaire regressa a Hipátia no seu *Dictionnaire philosophique*. Neste último afirma que aquela «ensinava Homero e Platão em Alexandria durante o reinado de Teodósio II», e que os acontecimentos conducentes à sua morte tinham sido instigados por São Cirilo, que «lançou a turba cristã contra ela». Embora não descurando a divulgação das suas fontes — Damáscio, a *Suda*, e «os homens mais cultivados do tempo» —, Voltaire usa-as com grande desenvoltura; e por entre sérias acusações contra Cirilo e os cristãos, produz um gracejo de salão estúpido e grosseiro sobre a sua heroína favorita: «Quando se despem belas mulheres, não é para as massacrar.» A verdade é que ficamos sem saber se «o sábio de Ferney» se ri dos seus leitores, das ideias que expende com tanto entusiasmo ou de Hipátia. Voltaire declara esperar que o patriarca Cirilo tenha pedido perdão a Deus e que Deus se tenha de facto compadecido dele; e o próprio Voltaire reza pelo patriarca: «Imploro ao misericordioso pai que tenha dó da sua alma.»<sup>4</sup>

As perspectivas redutoras segundo as quais Toland e Voltaire consideram Hipátia assinalam a génese de uma lenda que combina o verdadeiro e o falso. Se os dois autores tivessem consultado as suas fontes antigas com mais perspicácia, teriam detectado a presença de uma personalidade muito mais complexa. Esta «vítima da superstição e da ignorância» não só acreditava nos poderes redutores da razão como também buscava Deus através da revelação religiosa. Acima de tudo, obstinada e intensamente moral, uma adepta do ascetismo não menos decidida do que os cristãos dogmáticos que Voltaire e outros autores representaram como implacáveis inimigos «da verdade e do progresso».

Influenciado pelas ideias das Luzes, pelo neo-helenismo e pelo estilo literário e filosófico de Voltaire, Edward Gibbon contribuiu também para a elaboração da lenda de Hipátia. Em *The Decline and Fall of the Roman Empire*, identifica Cirilo como o instigador de todos os conflitos de Alexandria dos princípios do século v, incluindo nessa sua acção a morte de Hipátia<sup>5</sup>. Segundo Gibbon,

Hipátia «professava a religião dos gregos», e ensinou publicamente tanto em Atenas como em Alexandria. Não sei qual a fonte da primeira afirmação de Gibbon; a segunda reflecte uma interpretação errónea daquilo que Damáscio escreve na *Suda*. Como Toland e Voltaire, Gibbon repete a história de Damáscio sobre a inveja violenta que Cirilo experimentava perante uma Hipátia «na plenitude da sua beleza e na maturidade da sabedoria», rodeada por discípulos e pessoas «superiormente ilustres pela sua condição e mérito», sempre «impacientes por visitar a filósofa». Hipátia foi massacrada por «uma tropa de fanáticos selvagens e impiedosos», instigados por Cirilo, e o crime nunca seria punido, aparentemente porque «a superstição [o cristianismo] torna mais fácil expiar o sangue de uma virgem do que o desterro de um santo». Esta representação do «crime de Alexandria» condiz perfeitamente com a teoria de Gibbon segundo a qual a consolidação do cristianismo é a principal causa da queda da civilização da Antiguidade. Serve-se assim das circunstâncias da vida de Hipátia para documentar a sua tese e para mostrar a diferença que há entre o mundo antigo e o novo: a razão e a cultura do espírito (Hipátia) contra o dogmatismo e a imoderação bárbara (Cirilo e o cristianismo)<sup>6</sup>.

A figura de Hipátia surge breve e alusivamente em muitas outras obras do século XVIII, entre as quais se conta o animado romance satírico de Henry Fielding, *A Journey from This World to the Next* [Uma Viagem deste Mundo para o Próximo] (1743). Depois de descrever Hipátia como «uma jovem senhora da maior beleza e mérito», Fielding afirma que «esses cães, os cristãos, assassinaram-na»<sup>7</sup>.

Mas foi a meados do século XIX que a lenda literária de Hipátia conheceu o seu momento de auge. Charles Leconte de Lisle publicou duas versões de um poema intitulado *Hypatie*, uma em 1847 e outra em 1874<sup>8</sup>. Na primeira versão Hipátia é vítima das leis da História e não de uma «intriga» cristã, como sustentara Voltaire<sup>9</sup>. Leconte de Lisle considera as circunstâncias da morte de Hipátia com recuo histórico, e segundo uma perspectiva que não permite a identificação da história em termos de uma única cultura ou sistema de crenças. A época de Hipátia acabara simplesmente por se dissipar, substituída por uma outra época, portadora das suas próprias regras e formas. Enquanto fiel das divindades antigas e amante da

razão e da beleza dos sentidos, Hipátia tornara-se uma vítima simbólica da transformação das circunstâncias históricas: «A humanidade, na precipitação da sua corrida, feriu-te e amaldiçoou-te.»<sup>10</sup>

Na segunda versão do poema, Leconte de Lisle evolui no sentido de uma interpretação anticristã da morte de Hipátia. Os culpados do crime são os cristãos, e já não a «necessidade histórica»:

Pelo vil Galileu foste ferida e maldita,  
Mas fez-te maior a queda! E agora eis, sem remédio,  
Que o sopro de Platão e o corpo de Afrodite  
Para sempre partiram para os belos céus da Grécia!

*(Le vil Galiléen t'a frappée et maudite, / Mais tu tombas plus grande!  
Et maintenant, hélas! / Le souffle de Platon et le corps d'Aphrodite / Sont  
partis à jamais pour les beaux cieux d'Hellas!)*

Esta versão faz-se eco do motivo anticlerical, e especificamente anticatólico, de Toland<sup>11</sup>, vindo este a assumir uma importância cada vez maior com a evolução da lenda.

Os dois poemas de Leconte de Lisle sobre Hipátia manifestam confiança na permanência dos valores essenciais da Antiguidade. Como indica a sua condição de fundador, a par de outros, da escola poética parnasiana, que procura a sua inspiração no classicismo da Antiguidade, Leconte de Lisle amava a literatura clássica. Não se limitando a traduzir poetas e autores dramáticos gregos, considerava o helenismo a realização plena dos ideais da humanidade e da combinação da beleza com a sabedoria. Por isso, para Leconte de Lisle, apesar da sua morte, Hipátia continuava viva na imaginação do Ocidente como encarnação da beleza física e da imortalidade do espírito, do mesmo modo que os ideais pagãos da Grécia tinham moldado a espiritualidade da Europa.

Só ela sobrevive, eterna e não fugaz.  
Pode a morte abalar os mundos vacilantes,  
Mas a Beleza acende-se, e tudo então renasce,  
E os universos ei-los ainda sob os seus pés brancos!